



**TRAJETÓRIAS ESCOLHIDAS, VIDAS COMPARTIDAS JUNTO AO CONSELHO PROFISSIONAL DE
ENFERMAGEM EM SANTA CATARINA (1960-1970)**

**PATHS CHOSEN, LIVES SHARED IN THE REGIONAL NURSING COUNCIL OF SANTA CATARINA
(1960-1970)**

**TRAYECTORIAS ESCOJIDAS, VIDAS COMPARTIDAS JUNTO AL CONSEJO PROFESIONAL DE
ENFERMERÍA EN SANTA CATARINA (1960-1970)**

Maria Lígia dos Reis Bellaguarda¹

Maria Itayra Padilha²

Resumo

Este texto é um recorte biográfico dos participantes de uma pesquisa histórica sobre um órgão representativo da Enfermagem catarinense. Tem o objetivo de descrever a biografia narrada das(os) Enfermeiras(os) a partir da opção profissional à aproximação com as entidades organizativas. Abrange as fontes orais num recorte temporal específico que vem desde seus nascimentos e formação profissional na década de 1960, até a aproximação com a Associação Brasileira de Enfermagem e o Conselho Profissional em Santa Catarina, nos anos de 1970. Para compor o Estudo foram entrevistados(as) oito enfermeiros(as), que participaram da criação e instalação do órgão regulamentador da Enfermagem no Estado. Utilizou-se a história oral como método em que a narrativa de vida pública é a modalidade do discurso. Da análise dos dados foram elencadas três categorias: A oralidade e as questões éticas na História Oral; Trajetórias escolhidas e Vidas compartilhadas. Os resultados indicam que a participação dessas personalidades na implantação do Conselho Profissional da Enfermagem em Santa Catarina foi significativa para fortalecer a profissão. Conclui-se, que a identificação daqueles que edificam a história é ato ético, de valorização, credibilidade e socialização, dentro da perspectiva de registro e documentação da realidade experienciada em cada época.

Descritores: História da Enfermagem; Biografia; Conselho de Normalização Profissional; Ética em Pesquisa.

¹ Enfermeira. Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). Membro do Grupo de Estudos da História do Conhecimento em Enfermagem e Saúde-GEHCES/UFSC. Rua João Meirelles, 884/101/bl.F. 88085-201 - Florianópolis-SC- Brasil. bellaguardaml@gmail.com

² Enfermeira. Professora do Departamento e do Programa de PEN/UFSC. Líder do GEHCES. Pesquisadora do CNPQ. Rodovia Amaro Antônio Vieira, 2371/818/bl.A. 88034-102 - Florianópolis - SC - Brasil. padilha@nfr.ufsc.br

HIST. ENF. REV. ELETR (HERE). 2014 jan/jul; 5(1): 108-135. Disponível em:

<http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num1artigo9.pdf>

Abstract

This text is a biographic excerpt of the participants of a historical study regarding a representative organization of nursing in the state of Santa Catarina. The objective of the study is to describe the narrated biography of nurses from their choice of the profession to their involvement with regulatory organizations. This study uses oral sources within a specific time frame covering since their birth and professional development in the 1960's, until their involvement with the Brazilian Nursing Association and the Professional Nursing Council in Santa Catarina, in the 1970's. Interviews were performed with eight nurses who participated in creating and implementing the state nursing regulatory organization. Oral history was the method used, in which the narration of public life is the discourse modality. Data analysis resulted in three categories: Speech and ethics in Oral History; Chosen paths; and Shared lives. Results indicate that the participation of these individuals in the implementation of the Professional Nursing Council in Santa Catarina was significant in strengthening the profession. In conclusion, identifying the individuals that make history is an ethical act that assigns value, credibility and socialization within the perspective of registering and documenting the situation experienced in each period of time.

Descriptors: History of nursing; Biography; Professional Review Organizations; Research Ethics.

Resumen

Este texto es un recorte biográfico de los participantes de una investigación histórica sobre un órgano representativo de la Enfermería catarinense. Tiene como objetivo describir la biografía narrada de los (as) enfermeros (as) a partir de la opción profesional a la aproximación con las entidades organizativas. Comprende las fuentes orales en un recorte temporal específico que viene desde sus nacimientos y formación profesional en la década de 1960, hasta la aproximación con la Asociación Brasileña de Enfermería y el Consejo Profesional en Santa Catarina, en los años de 1970. Para componer el Estudio fueron entrevistados (as) ocho enfermeros (as), que participaron de la creación e instalación del órgano regulador de la Enfermería en Estado. Se utilizó la historia oral como método en que la narrativa de vida pública es la modalidad del discurso. Del análisis de los datos fueron denominadas tres categorías: La oralidad y las cuestiones éticas en la Historia Oral; Trayectorias escogidas y Vidas Compartidas. Los resultados indican que la participación de esas personalidades en la implantación del Consejo Profesional de Enfermería en Santa Catarina fue significativa para fortalecer la profesión. Se concluye que la identificación de aquellos que edifican la historia es un acto ético de valorización, credibilidad y socialización dentro de la perspectiva de registro y documentación de la realidad experimentada en cada época.

Descritores: História da Enfermería; Biografia; Conselho de Normalização Profissional; Ética em Investigação.

Introdução

As pessoas, sem exclusão ou grau de relevância, são importantes e únicas. Refletem seus espaços de vida em família, culturas de criação, de educação e de focos que idealizam ou lhes são oportunizados em seus percursos existenciais. Trazem à tona a opção, o tornar-se e o Ser Enfermeira (o) na realidade em estudo. Repartir histórias de vida é valorizar a existência das

pessoas e os seus feitos e ainda, fortalecer-se como ser humano. Esta é a real importância da pessoa mostrar-se em contos menores, na simplicidade efetiva de exteriorização da intimidade. Ao repartirmos nossas histórias, estamos a celebrar a parte mais humana que nos cabe e ofertamos nossa história como presente¹.

As narrativas, em meio as subjetividades registram verdades defendidas pela memória individual e coletiva. A contação da história segue a definição de uma finalidade social, que é a de reordenar os fatos e trazer à tona a interpretação da verdade em dada realidade. Neste sentido, a biografia neste estudo, possivelmente, revelará posições e decisões tomadas no âmbito do Conselho de Enfermagem catarinense a partir das competências e da formação pessoal, profissional e política dos sujeitos. Ressalta-se que, esta narrativa refere-se a pessoas que ocuparam e ocupam lugar de destaque na história da Enfermagem em Santa Catarina e todas estão ativas de alguma forma na profissão. Pessoas que contribuíram para a definição do futuro da Enfermagem no Estado como profissão do cuidado, organizada no âmbito da formação e das representações da categoria. Refere-se, então, a narrativa biográfica de pessoas vivas, diferindo da maioria das pesquisas biográficas no campo da Enfermagem brasileira².

O objetivo deste Estudo está em descrever a biografia narrada das (os) Enfermeiras (os) a partir da opção profissional à aproximação com as entidades organizativas.

No que se justifica o recorte temporal da década de 1960 pela opção profissional de escolha e formação das (os) participantes, uma trajetória nem sempre escolhida, até o momento em que tornam-se profissionais da Enfermagem e consolidam, na década de 1970 a profissão no Estado mostrando o Ser Enfermeira, quando desempenham o cuidado, a gestão, a formação e a pesquisa em Enfermagem e na saúde catarinenses.

Estas pessoas escreveram uma história, que como tal não acaba, mas foram os alicerces da Enfermagem catarinense no tocante à organização dos onze primeiros anos do Conselho Regional de Enfermagem no estado de Santa Catarina (Coren/SC). Aliada a esta apresentação faz-se inicialmente uma discussão quanto à fonte oral como fator preponderante na narração de fatos e atos na história e as implicações éticas no uso deste discurso. Neste contexto, a identificação dos sujeitos numa pesquisa histórica e o seu valor para a ciência e para a valorização das pessoas que desenham os acontecimentos.

Metodologia

Pesquisa qualitativa de cunho histórico, sob as bases filosóficas da História Nova. Os participantes deste Estudo foram oito pessoas, destas, três foram gestoras e as demais membros da Enfermagem que integraram a organização do Coren/SC no período compreendido entre 1975 e 1986. Os depoentes foram apenas enfermeiras(os), pois estas foram os profissionais que estruturaram e organizaram no recorte temporal o Conselho Profissional. Este período caracteriza os 11 primeiros anos de criação e desenvolvimento da entidade.

Os seguintes critérios de inclusão dos participantes na pesquisa foram elencados: Profissionais de Enfermagem que compuseram a estrutura organizacional e administrativa do Coren/SC, em sua criação e seu desenvolvimento, entre 1975 e 1986 e aceite dos sujeitos em participar desta pesquisa, a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Carta de Cessão para participação, após aprovação do Projeto no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) sob o Parecer nº 2.329 FR 474453, de 28 de novembro de 2011.

Para a coleta, organização, análise e discussão dos dados utilizou-se a história oral, a narrativa biográfica como método em que a narrativa de vida pública é a modalidade do discurso³. Esta modalidade, para as informações relacionadas a particularidades da vida das (os) participantes desde o nascimento até a aproximação com a Associação Brasileira de Enfermagem e o Conselho Profissional, ambos em Santa Catarina.

A apresentação das narrativas segue a ordem de realização das entrevistas no processo de coleta de dados. Da análise foram compostas três categorias “A oralidade e as questões éticas na história oral”, “Trajetórias escolhidas” e “Vidas compartilhadas”. Na primeira é abordada a implicação e a necessidade de esclarecimentos quanto à identificação de participantes nos Estudos históricos. Para a composição da segunda categoria faz-se a narrativa biográfica dos participantes da pesquisa da tese de doutorado *Nexos e Circunstâncias do Desenvolvimento do Coren/SC (1975-1986)*. O corpo de discussão analítico-reflexivo está organizado na terceira categoria.

Resultados e discussão

Neste Estudo, os resultados são advindos da primeira etapa das entrevistas na qual os participantes contam brevidades do curso de suas vidas até o envolvimento ao contexto da

Enfermagem. Desta feita, a eticidade na identificação das fontes orais, as biografias narrativas neste âmbito fazem emergir a análise-reflexiva do compartilhamento das relações no movimento de institucionalização da Enfermagem em órgão representativo da profissão.

A oralidade e as questões éticas na história oral

A história é ciência que abrange o vivido, a memória e as lembranças adormecidas de pessoas, que integram momentos específicos no decorrer da existência e, que significam para um dado grupo ou contexto, o conhecimento mais detalhado da realidade. O pensamento voltado a historicizar algo remete tanto à lembrança dos fatos e atos do contador, daquele que lembra, quanto instiga e floreira o pensamento daquele que interpreta, que historiciza. Isto se deve, possivelmente, ao encantamento que há numa contação de história, no menor que ela entona a partir de lembranças e detalhes que diferenciam as histórias maiores já sabidas, daquelas que contam eventos particulares. Desse modo, a disponibilidade em contar a história de determinados fatos se dá pela aproximação entre o que conta a história e o que a narra, pois se desenvolve a partir de interesses comuns⁴.

O cativante em conhecer o passado por meio da oralidade é sentir a proximidade ou a co-participação no evento, subjetivamente é viver o momento, assim o torna permanente. A história traz a noção de *continuum* em transformação, em adaptação às circunstâncias de cada tempo. A história não é estática, não é teórica, é dinâmica, uma vez que evidencia o movimento da existência dos homens. E neste contexto, a História Oral apresenta-se como uma abordagem, um método de contação e registro da história. A memória é fonte de informação para a história, constituindo-se base da identidade. Este é um processo dinâmico e dialético renovável, pois contém sinais e marcas do passado e questionamentos e necessidades para o presente⁵.

A História Oral traz à tona, fontes orais que registram experiências e revelam memórias acerca de eventos, fatos e atos. Essas fontes são pessoas que elucidam em seus depoimentos a história social. A legitimidade da história oral nas narrativas disponibilizadas pelas fontes orais confluem, no entendimento das autoras deste Estudo, em aspectos importantes a pensar: os relacionados a fonte oral e ao historiador. Ao primeiro há implicações na aptidão da memória do sujeito, no limite do envolvimento com o fato e do conteúdo a ser revelado. Consta de um processo em que as pessoas escolhem o fato a ser lembrado e os limites do que ser narrado⁶. Isto

implica ainda, na dupla força que está inclusa na fonte oral, quando oportuniza a declaração e o registro de fatos e da subjetividade⁷, que está inclusa na fonte oral, quando oportuniza a declaração e o registro de fatos e da subjetividade. Quanto ao historiador, os aspectos a serem observados referem-se à capacidade da narrativa e, principalmente, de interpretação analítica e a forma de documentação impressa do discurso. A legitimidade da história oral e, conseqüentemente, das fontes orais é explicitada por delineamentos éticos, associados neste sentido, ao rigor da pesquisa Histórica.

A ética em pesquisa garante o respeito nas relações entre pesquisador e pesquisado, no que se refere às informações colhidas por meio da entrevista, depoimentos, narrativas e biografias especificamente na história oral. Isto pois, o significado dado aos eventos e fatos relatados pelas fontes orais apresentam legitimidade e podem ser utilizados por outros pesquisadores. Sem esquecer, que as releituras das informações terão outras interpretações e modos de uso de acordo com o interesse do pesquisador. O mais específico na história oral, na compreensão das autoras, é a autoridade que as fontes orais apresentam quando são identificadas. A história é realizada por seres humanos, e a identificação das fontes orais em uma Pesquisa, que conta fatos dentro de um recorte temporal é ímpar, pois situa essas fontes na edificação da realidade contada. A identidade relaciona aspectos individuais e coletivos, haja vista a integração do homem como sujeito de todo o delineamento de construção histórica⁴. Reitera a autora, que a identidade afirma as similitudes e as diferenças posicionando, desta maneira, o ser histórico em consonância com os grupos sociais que o cercam.

O que parece certo é que ao identificar-se as fontes orais, a responsabilidade é ainda maior com a história. Uma vez, que as interpretações são múltiplas. Há compreensões angulares que podem comprometer a imagem dessas pessoas. Ora elucidam as atitudes e decisões tomadas, ora culpabilizam suas ações e definições. Independentemente das críticas que envolvem as opções, decisões e encaminhamentos que as pessoas deste Estudo tenham realizado, influenciaram em um tempo a prática assistencial da Enfermagem no Estado. Ao identificarmos os participantes oportuniza-se fontes de estudo e amplia-se a visibilidade da profissão. Ao deixarem se identificar colocam em evidência a prática profissional e a importância social deste fazer⁸.

A história do Coren/SC, em seus primórdios traz à tona os precursores da Enfermagem no Estado, suas escolhas profissionais e o compartilhamento de ideais e de posicionamentos. Representa na rememoração e biografias desses sujeitos uma identidade coletiva. Esta é

entendida como o movimento de um grupo, no decorrer do tempo, para garantir a cada membro desse conjunto o sentimento de pertencimento, de unidade e de corresponsabilidade⁹. E a biografia, as histórias individuais, a memória desses sujeitos são relevantes para a sociedade, pois advêm de seus significados, suas emoções e suas experiências. A pesquisa com seres humanos apresenta referências bioéticas que asseguram aos participantes de um Estudo respeito, autonomia, verdade, não maleficência, justiça e equidade. E nesta perspectiva, a autonomia encontra-se diretamente proporcional à identificação dos participantes deste Estudo¹⁰. A identidade das fontes orais agrega ao pesquisado um valor histórico, de verdade e de equidade nos relatos, haja vista que são personagens que viveram e se envolveram com o movimento de criação e instalação do Coren/SC. Os pormenores dessa história são contados a partir das dificuldades, do amadorismo, das fragilidades e também das potencialidades de cada uma dessas pessoas. E, ainda dos embates políticos e sociais vividos entre os pares e que influenciaram o plano profissional de cada um. Conforme o programa de acervo da história oral da Faculdade Getúlio Vargas a garantia de sigilo aos dados, com identificação ou não dos participantes da Pesquisa deve ser justificada a partir de literatura especializada sob questões éticas atinentes¹¹.

Faz-se necessário discutir a legitimidade das fontes orais e a liberdade, a autonomia de consentirem a identificação, já que como agentes autônomos devem ser respeitados os direitos de auto - governo¹². E é neste contexto, que entram as normas de conduta ética e bioética, quando a pesquisa se utiliza do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de participação no Estudo. Outrossim, a história oral em defesa da legitimidade e segurança dos participantes assegura esta autonomia, também por meio da carta de cessão. Neste documento, as informações podem ou não ser doadas a instituições de acervo histórico, para uso de outros pesquisadores, assim a história não permanecerá retida.

Os participantes no Estudo sobre o Coren/SC são sujeitos da história presente, que descortinam a trajetória da instituição na representação profissional no Estado. A identificação dessas pessoas foi importante na contação desta história, uma vez que evidencia a origem dos movimentos profissionais da Enfermagem catarinense. Faz conhecer os protagonistas desta história, valoriza as informações, legitima a história oral neste contexto profissional e primordialmente descortina as suas próprias histórias de vida. E quem eram essas pessoas? De onde surgiu o interesse na profissão Enfermagem? De que maneira chegaram a protagonizar a institucionalização da representação profissional no Estado de Santa Catarina?

Trajetórias escolhidas

Cada qual escolhe o percurso da vida que melhor lhe cabe no espaço-tempo. Na maioria das vezes as trajetórias de vida não são estabelecidas pela escolha, mas pela oportunidade ou por meio das situações com as quais se depara. Nesta perspectiva emerge como vocabulário de ação, em que por meio dos relatos autênticos e acolhedores dos entrevistados mostra-se as escolhas, os encontros, os desencontros, conflitos ou não de que, quem sabe sejam trivialidades aos olhos de alguns, mas são recortes da vida de pessoas que ensinam, que fazem refletir, concordar ou não com o desenho até mesmo traçado sobre a própria história¹³. O que retratar trajetórias individuais pode transformar-se em pedagogia do exemplo¹⁴. Assim, expõe-se esta narrativa, para se fazer conhecer uma parte da trajetória escolhida ou simplesmente vivida por alguns dos precursores do Coren/SC e como as histórias se interrelacionam e confluem para a organização do Órgão representativo da profissão.

Lydia Ignes Rossi Bub- Nasceu em 22 de maio de 1929, no Rio Grande do Sul. A partir da mudança da família para Lages em Santa Catarina realizou o primário nesta cidade e frequentou o ginásio, no Colégio Diocesano e a Escola Técnica de Comércio em Lages. Atualmente seria considerado um curso Técnico. Enfermeira Graduada em Escola de Enfermagem Porto Alegre da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Assumiu cargos de Diretoria e foi Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem em Santa Catarina (1968-1970), Conselheira Suplente no Conselho Federal de Enfermagem (1973) e Presidente do Coren/SC nas gestões 1978-1981 e 1981-1984. Chefe do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina de 1970 a 1981.

Trabalhou durante aproximadamente nove anos no primeiro cartório civil de comércio, seguido de um emprego em uma indústria madeireira da região serrana de Santa Catarina. Nos idos de 1959 Lydia sentia-se insatisfeita na atividade que realizava

... não estava satisfeita com aquela vida porque eu não achava que seria a vida inteira trabalhando para os outros, dentro de um gabinete, dentro de um escritório. O serviço era bom, salário ótimo, mas eu não me sentia bem, não me sentia realizada. (Lydia Ignes Rossi Bub).

Foi aí que Lydia começou a pensar em como a Enfermagem a atraiu. Pensou que desde menina sempre havia alguém doente em casa e era ela quem acompanhava os enfermos

HIST. ENF. REV. ELETR (HERE). 2014 jan/jul; 5(1): 108-135. Disponível em:
<http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num1artigo9.pdf>

familiares. Questiona até hoje se foi este o motivo que a levou cursar Enfermagem. Já que nesta época estava em seu momento de tentar o ensino superior e tomar sua decisão. Preparou-se estudando em casa com o auxílio de professores particulares. Realizou a prova do vestibular em 1961, em Porto Alegre e foi aprovada.

Fui fazer minha matrícula, comecei a fazer o curso de Enfermagem eram os quatro anos na Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. O nome da escola era Escola de Porto Alegre, Escola de Enfermagem Porto Alegre da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. (Lydia Ighes Rossi Bub).

Como a Enfermagem era uma profissão pouco procurada, sempre com um número pequeno de interessados e a Universidade era pública, era garantido alojamento, condução. Havia possibilidade de a partir do terceiro ano de curso iniciar atividades de Enfermagem. Na verdade eram atividades de cuidado e acompanhamento, o que oportunizou a acadêmica mais experiência:

A carga de estágio era grande, era avaliada e era muito exigido de modo que você não ficava na teoria. Pediatria que eu me dediquei, tinham as aulas de pediatria numa fase e depois fui fazer estágio eram quatro meses, com algumas aulas à tarde depois tinha a complementação então nós ficávamos trabalhando. Um exemplo: você cuidava de uma criança durante oito dias, dava condições e dava experiência e os estágios todos foram mais ou menos nesse sentido (Lydia Ighes Rossi Bub).

Neste período Lydia já assinava a Revista Brasileira de Enfermagem. Concomitante a toda esta atividade havia o movimento estudantil. Participou como Presidente do Centro Acadêmico, numa época de revolução política com várias facções políticas no âmbito da Universidade. Havia uma dinâmica de poder em que uns queriam forçar ou tendenciar sua opinião.

a coisa era calar a boca ficava-se realmente em cima do muro, dependendo da pessoa porque era uma situação... (Lydia Ighes Rossi Bub).

A faculdade de Enfermagem nesta fase estava vinculada à de Medicina e havia uma cultura de questionamentos, como fazer Enfermagem e não Medicina? E algumas vezes Lydia foi questionada acerca da sua escolha profissional. Apresentava firmemente seu posicionamento:

Enfermagem pra mim é o cuidado do paciente, é a enfermeira que cuida do paciente o médico vem examina faz o diagnóstico e prescreve e vai embora quem é que fica as 24 horas do dia acompanhando e cuidando do paciente? Optei pela Enfermagem e não me arrependo (Lydia Ighes Rossi Bub).

E desta maneira Lydia finalizou o Curso superior em oito de dezembro de 1964 e começou a

HIST. ENF. REV. ELETR (HERE). 2014 jan/jul; 5(1): 108-135. Disponível em:
<http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num1artigo9.pdf>

trabalhar como enfermeira em janeiro de 1965, em Florianópolis. Inseriu-se imediatamente à Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Santa Catarina.

Então a gente se envolvia na política, as leigas e as religiosas. Era um grupo muito coeso com relação à profissão e aí, a luta começou aí (Lydia Ighes Rossi Bub).

O quantitativo de enfermeiras (os) em Santa Catarina era bastante reduzido, cerca de 10 a 12 profissionais distribuídas em Florianópolis, Blumenau, Joinville e Criciúma. Na capital catarinense havia poucas (os) enfermeiras (os). Neste sentido, houve com Lydia e outras enfermeiras (os) a união para desenvolver a Enfermagem no Estado.

Eloita Pereira Neves – Nascida em 17 de maio de 1940, em Lages, Santa Catarina. Coursou Enfermagem na Escola de Enfermagem de Porto Alegre em 1960, atual Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mudou-se para Florianópolis, onde organizou, junto com outros profissionais e enfermeiras (os) o Hospital Infantil Edith Gama Ramos, atual Joana de Gusmão. Presidiu a ABEn-SC gestões 1966-1967 e 1967-1968. Primeira Coordenadora do Curso de Graduação da UFSC e da Pós Graduação em Enfermagem da mesma Universidade. Realizou seu doutorado em Ciências da Enfermagem pela *Catholic University of América*, Washington, Estados Unidos da América, concluído em 1980.

Em Lages, ainda criança brincava próximo à Maternidade. Observava diariamente mulheres vestidas de branco, com vestidos longos que viria a entender que eram Freiras. Sentia-se chamada ao trabalho.

Escolhi Enfermagem porque eu tinha um chamado dentro de mim que dizia que eu queria trabalhar, ser como as pessoas que eu via vestidas de branco longo e que trabalhavam na maternidade que era perto da minha casa. A gente visitava parentes que tinham bebês pequenos e eu achava muito lindo aquilo. Então, às vezes, brincava ali na maternidade, em uma rampa que escorregava, a gente escorregava naquela rampa, era um lugar de muita alegria, e eu achava aquilo muito lindo, devia ser um lugar muito bonito para trabalhar, porque era só alegria. Foi assim esse chamado (Eloita Pereira Neves).

Por meio de um colega da escola, que tinha uma irmã enfermeira e professora da Escola de Enfermagem de Porto Alegre recebeu informações sobre como acessar o ensino da Enfermagem. Eloita vinha de família simples e lutadora, para cursar a Faculdade necessitaria de apoio financeiro.

Então ele se informou, me deu todas as dicas, me deu um folheto lá da escola, e eu escrevi, me inscrevi e fui fazer o vestibular. Passei, ganhei uma bolsa do Lions Clube de Lages. O diretor da escola onde eu estudava, Galileu Amorim, ele negociou com o Lions e me deu a tal da bolsa, que foi durante os 4 anos da Escola. Então eu gostava muito, me dediquei muito, fui a segunda colocada em uma turma de 14, nós éramos 24 e terminamos em 14(Eloita Pereira Neves).

Nada é fácil na vida e algumas pedras no caminho precisariam ser ultrapassadas e como ninguém vive sozinho... Eloita contraiu uma doença ocular que a impedia de ler, o que a limitava nos estudos, e para estudar necessitava do companheirismo das colegas que repassavam os conteúdos.

Tive algumas dificuldades porque eu tive um problema de visão, e eu não podia ler, foi a partir do segundo ano, e eu passei 3 anos da Escola com as minhas colegas lendo para mim. Eu sou muito grata as minhas amigas, que na verdade eram os meus olhos (Eloita Pereira Neves).

Após sua formatura recebeu convite para trabalhar em Florianópolis no Hospital Infantil Edith Gama Ramos onde realizou juntamente com mais quatro enfermeiras o que chamaria de sonho, pelo trabalho competente desenvolvido nesta instituição. A formação acadêmica da época capacitou Eloita para a administração e muito fortemente para o espírito de equipe, de grupo.

Esse hospital foi assim a realização de um sonho muito grande da gente, eu digo da gente, porque nós éramos 5, nós não nos conhecíamos, Nelcy, Leonor e Nilza eram de Caxias e eu e Irmingard viemos da Escola de Porto Alegre, mas todas nós tínhamos estagiado no hospital Ernesto Dornelles e o estágio de administração era feito em um hospital moderníssimo, que foi inaugurado quase na época que nós estávamos fazendo estágio de administração (Eloita Pereira Neves).

O grupo do Hospital Infantil em Florianópolis iniciou o que veríamos mais tarde como grandes conquistas e feitos para a Enfermagem no Estado. Eloita participou e vem participando da vida da profissão em diversas instâncias. A vida associativa é um outro momento, que concomitante com os fazeres administrativos arrebatou Eloita para o ensino da Enfermagem no Estado, contribuindo com o crescimento da profissão neste contexto.

Então nós fizemos um time, e eu me orgulho de dizer isso porque nós tínhamos uma filosofia de Enfermagem restrita, nós tínhamos valores muito firmes a serem preservados pela Enfermagem. O ideal da profissão, postura profissional e ética era o que prevalecia, então nós temos amigadas que duraram até hoje (Eloita Pereira Neves).

Os ensinamentos e a experiência adquirida nos estágios de administração fizeram com que Eloita estruturasse, junto aos demais profissionais, o Hospital Infantil na administração da assistência, inclusive com prontuários por famílias e, neste período, já realizavam visitas domiciliares.

Era uma verdade muito diferente da que a gente vê hoje. E havia um amor mesmo à causa. Reconhecíamos que tínhamos que conquistar espaço, e fizemos tudo isso dentro da Associação Brasileira de Enfermagem em Santa Catarina. Desde a prática profissional até a prática de movimento em prol da profissão, era permeado por um espírito de solidariedade, então nós nos uníamos para lutarmos juntas (Eloita Pereira Neves).

Eloita era uma ativista pelas causas profissionais e as relações estabelecidas fortaleciam as lutas e as buscas de melhores momentos e espaços para a Enfermagem. Na ABEn-SC foi a terceira Presidente. Teve papel preponderante para a criação do Conselho no Estado, por meio das articulações com a ABEn Nacional. Esta enfermeira foi um elo sólido de sustentação da Enfermagem em Santa Catarina pelo valor dado às relações, o respeito às pessoas e o compromisso com a coletividade.

Rosita Saupe- Enfermeira graduada pela Universidade de Rio Grande do Sul. Realizou Doutorado em Enfermagem pela Universidade de São Paulo em 1992. Assumiu a Chefia do Departamento do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina 1975-1979. Primeira Presidente do Conselho Regional de Enfermagem de Santa Catarina (Coren/SC), 1975-1978. Atualmente assina Rosita Alves da Silva Morgado. De menina franzina à mulher importante para a Enfermagem catarinense, nascida em Porto Alegre, de família simples nunca pensou em ser Enfermeira, tinha o sonho de ser professora de história. A residência familiar ficava bem próxima ao internato das alunas da Escola de Enfermagem de Porto Alegre o que a aproximou da profissão. Aos 17 anos a Enfermagem entra em sua vida.

Então eu morava bem ali perto e todo dia aquele ônibus azul vinha pegar as meninas bem cedo 6:30 da manhã e levava todas uniformizadas. Depois ao meio dia e pouco ele chegava, eu via aquele entrar e sair de meninas uniformizadas, só meninas, nunca vi nenhum homem... Era muito bonito aquilo, elas saírem tão cedo, o entusiasmo das moças e tudo (Rosita Alves da Silva Morgado).

Outra aproximação à profissão foi a partir da leitura atenta do jornal com a reportagem “O

Brasil precisa de Enfermeiras”, o que a fez interessar-se pela Enfermagem e procurou a Escola de Enfermagem.

Puxa, mas é uma profissão muito interessante, quem sabe eu vou gostar disso aí. Então passando algumas semanas eu fui na escola de Enfermagem para conversar com a diretora, para saber o que ela achava, ela não me entusiasmou (Rosita Alves da Silva Morgado).

Mesmo diante da moderação da Diretora da Escola inscreveu-se no vestibular, foi aprovada e ingressou para a faculdade. Realizou os primeiros semestres, quando sua família mudou-se para um bairro distante o que dificultaria o acesso à Escola. Rosita não esmoreceu e buscou resolver a situação. Então resolveu conversar com a Diretora para aceitá-la no internato de alunas de Enfermagem.

Fui pedir para ela uma vaga no internato que a minha família era muito pobre e eu ia gastar muito, aí ela disse: - ai Rosita, nós não alojamos quem mora em Porto Alegre, só moças do interior, essa casa é para quem mora no interior. – Ah! Mas vai ficar tão difícil para mim, eu estou gostando tanto do curso, mas financeiramente vai ficar difícil (Rosita Alves da Silva Morgado).

Posteriormente recebeu correspondência com indicação de moradia no internato de alunas da Escola de Enfermagem. Permaneceu no internato até o final de sua formação acadêmica. Despediu-se de todas as suas colegas, que mudaram-se para o interior do Rio Grande do Sul, duas delas vieram para Florianópolis: Eloita e Ilma.

Depois que todo mundo já tinha ido embora eu tive coragem de pegar minha mala e voltar para a casa do meu pai. Então, assim que começou a Enfermagem, uma coisa sem planejamento bem por acaso, e nunca me arrependi (Rosita Alves da Silva Morgado).

Trabalhou em Porto Alegre, onde participou da organização de algumas instituições como a Maternidade Feminina e reabriu o Hospital Getúlio Vargas do então Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Nesta época dedicava-se à família e as suas competências no trabalho. Aceitaria um convite que mudaria sua vida e a iniciaria na vida acadêmica.

A Eloita um dia foi me visitar, e me levou um convite para vir para Florianópolis para abrirmos o curso, que ela tinha sido chamada pelo reitor, para organizar esse curso, e que ela gostaria que eu fizesse parte do corpo docente. As coisas na minha vida acontecem assim, de repente acontece, eu nunca achei justificativa, de tantas pessoas que ela tinha para convidar (Rosita Alves da Silva Morgado).

Esta nova professora preparou-se para assumir o compromisso de iniciar o Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou duas especializações uma em Metodologia do Ensino Superior e a outra de Fundamentos de Enfermagem. Em Florianópolis, ainda trabalhou na Maternidade Carmela Dutra até obter a dedicação exclusiva na UFSC. A partir de sua vinda para Santa Catarina é que a vida associativa iniciou.

Comecei a participar da ABEn, era a única associação que nós tínhamos aqui, tinham 3 enfermeiras em Florianópolis, se não me falha a memória, quando eu cheguei em Santa Catarina eram 3 enfermeiras. 90% dos recursos humanos que trabalhavam na época em Santa Catarina eram atendentes. Sendo que, a maioria tinha entrado no hospital como doente foi ficando e aprendendo, aí nós fazíamos muitos treinamentos, a gente ia para o interior, fazia semana de saúde, treinamento de atendentes em hospitais. Fizemos esses trabalhos educativos extramuros da universidade, muitas vezes (Rosita Alves da Silva Morgado).

E assim, de sua participação na ABEn-Seção SC e o ativismo nas questões da educação em Enfermagem, um pouco mais tarde assumiria a Coordenação do Curso de Graduação e seria a primeira Presidente do Conselho Regional de Enfermagem de Santa Catarina.

Edison José Miranda – Graduado pela Universidade Federal de Santa Catarina em 1980. Trabalhou no Instituto de Psiquiatria de São José. Desenvolveu atividades de Enfermeiro no Hospital da Polícia Militar (1981-1986). Selecionado no Concurso Público Estadual para a Fundação Hospitalar de Santa Catarina, onde trabalha há 31 anos no Instituto de Psiquiatria (1982-2013). Especializou-se em Recursos Humanos e Dependência química, área que atua ainda hoje. Presidiu o Conselho Regional de Enfermagem de Santa Catarina na gestão 1984-1987. Nascido em Florianópolis e filho de um soldado da Polícia Militar, pensava em se formar num Curso da área da saúde, que oportunizasse o trabalho por meio de uma formação que não levasse muitos anos para o habilitar. De uma família simples, pensou na realização de um Curso que os custos não fossem tão altos, mas que o capacitasse competentemente para o mundo do trabalho.

Tinha pensado em medicina, odontologia, farmácia. mais todos os cursos eram inatingíveis para mim, pois eu não tinha recursos para sustentar, comprar livros, comprar equipamentos, eu fui ver essas coisas, e demorava muito tempo então eu acabei indo para a Enfermagem, que eram 3 anos e meio na época que eu fiz, e assim eu poderia começar a trabalhar (Edison José Miranda).

Nesta perspectiva realizou o vestibular para Enfermagem, profissão que majoritariamente era composta por mulheres, no entanto eram três anos de formação profissional e havia um quantitativo pequeno de Enfermeiros (as) no Estado. Formou-se e, imediatamente, foi o primeiro enfermeiro civil contratado no Hospital da Polícia Militar, a receber próximo de dez salários mínimos e trabalhar numa carga horária de 30 horas semanais, em Florianópolis.

Enquanto acadêmico desconhecia a existência do Conselho Profissional, aproximando-se do órgão pelos movimentos da ABEn-SC. Fez parte de um outro momento da Enfermagem no Estado catarinense.

Quando aluno, eu participava da ABEn. Lá a gente começou a participar dessas discussões e aí comecei a tomar conhecimento do Conselho (Edison José Miranda).

Edison foi um dos Presidentes do Conselho de Enfermagem em Santa Catarina, num período de grandes mudanças no Sistema Cofen/Conselhos Regionais e, principalmente, no seio da ABEn Nacional e seções. E ainda, o primeiro homem a presidir a representação no Estado. As relações entre as entidades representativas da Enfermagem no Brasil e em Santa Catarina transformaram-se significativamente.

Solange Wink – Enfermeira graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1969). Pós graduação em Salvador (1970). Foi Diretora de Enfermagem do Hospital Santa Catarina e Professora da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Hoje é enfermeira acupunturista em Blumenau, Santa Catarina. Ocupou o cargo de Conselheira do Conselho Regional de Enfermagem de Santa Catarina-Coren/SC como membro da Comissão de Tomada de Contas na gestão 1975-1978.

Nascida em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, de origem alemã, viveu em Novo Hamburgo com a família. Havia a exigência familiar de formação no ensino superior, no entanto em determinado período da vida as condições financeiras eram escassas para que a filha caçula cursasse a faculdade. Solange tinha implícito em sua educação a necessidade de se formar num curso superior o que a fez, por intermédio de uma amiga do ginásio frequentar o Curso de Enfermagem em Porto Alegre.

A gente estava comentando sobre que profissão, ela disse que ia fazer Enfermagem aí eu disse: Enfermagem? Porque tu vais fazer Enfermagem? Ela disse- eu vou fazer porque na Universidade Federal tem casa, comida e condução. Eu disse: É? - Olha eu vou fazer Enfermagem, porque eu estaria com meus problemas econômicos dentro da possibilidade. E isso me

motivou a fazer Enfermagem (Solange Wink).

Mesmo sem saber que profissão era essa e não ter experienciado casos de doença e tratamentos em família, a opção pela profissão veio centrada em questões financeiras que possibilitariam alcançar o objetivo da formação superior dentro dos limites que vivia na época. Foi o primeiro ano que houve vestibular na Universidade Federal em Porto Alegre e para a realização do exame as candidatas podiam permanecer na residência da Escola. Após aprovação em 1967 passou a morar na residência escolar, onde dividia quarto com mais uma colega e eram disponibilizadas roupas de cama e banho, alimentação e ônibus para o trajeto à Universidade. Eram vinte e uma alunas e para auxiliar os custos decidiram trabalhar durante a noite, desenvolveram atividades e aprenderam muito na unidade de terapia intensiva do Hospital Ernesto Dornelles.

Comecei a trabalhar no Ernesto Dornelles. Eu diria que, para mim isso foi um grande diferencial. Eu me formei e fui fazer um ano em Salvador, e foi bastante interessante, que aí eu já tinha uma autonomia financeira, não dependia mais de jeito nenhum dos pais, e na época era tácito que no dia em que tu recebesse o canudo encerrava essa tutela de pai e mãe (Solange Wink).

Depois, mais um período de formação remunerada em nível de especialização em Saúde Pública e no retorno ao lar encontrou convite de formatura da colega Vera Radünz e outro convite desenharia o trajeto da vida profissional de Solange.

Vera me disse: - Solange tu não estás querendo ir trabalhar em Blumenau? Fica um ano em Blumenau, que quando eu me formar eu vou para Blumenau. - Blumenau? Fui para Blumenau para assumir a chefia da divisão técnica do hospital Santa Catarina. Então eu vim para o Santa Catarina e trabalhei durante 20 anos (Solange Wink).

À frente da instituição administrou com ousadia, energia, ética e muito profissionalismo, mudando práticas há muito instituídas, como a exclusão do uso de pastilhas de formaldeído para higienizar ambientes hospitalares. Todo este empenho a tornou uma importante referência da Enfermagem no Estado, na região do Vale do Itajaí.

Bom o que eu vou dizer, se trabalhava muito, a gente tinha um domínio sobre o hospital muito grande. O plantão noturno era passado no setor e tinha que passar o plantão para a chefia de Enfermagem, 20 anos eu recebi passagem de plantão noturno. Então, tinha um controle muito grande no hospital, porque conhecia paciente por paciente, fazia visita em todos os

pacientes (Solange Wink).

Foi professora do Ensino Superior na FURB por 19 anos, nos cursos de Medicina, Fisioterapia, Odontologia, Farmácia e Enfermagem. Trabalhou um total de vinte e cinco anos em ambiente hospitalar e há dezesseis é acupunturista. Diante da postura profissional e o domínio da Enfermagem, que tinha Solange como representação da profissão em sua região participou do movimento da ABEn-SC para criação do Conselho Regional de Enfermagem no Estado.

Colocávamos dinheiro próprio para esse negócio acontecer. Porque era importante, foi uma bandeira que a Enfermagem colocou, era uma definição profissional ter o seu próprio Conselho. Houve esse movimento, nos envolvemos nisso, o conselho federal aconteceu, em função desse nosso compromisso. Anos depois fui entender o que significava ter um Conselho Profissional (Solange Wink).

A trajetória profissional de Solange mostra que o senso de responsabilidade, a retidão e o compromisso com as causas da profissão em todos os anos de dedicação ao cuidado das pessoas lhe concederam a sensibilidade de ter cumprido com seus deveres de cidadã, de mulher e de profissional. No entanto, não parou sua atividade de Enfermeira, de cuidadora, fazendo emergir novas formas de cuidar e manter com saúde o equilíbrio, o corpo, a mente e o espírito de pessoas por meio da acupuntura.

Uma coisa que me orgulha muito, realmente me orgulha, dá uma sensação insubstituível de envelhecer é a sensação do dever cumprido, e eu tenho essa sensação do dever cumprido como enfermeira. Eu acho que com isso eu te dou uma passada de uma profissão, de uma vida profissional, muito satisfatória, muito boa. Eu me alegro por ter tido essa chance (Solange Wink).

Ingrid Elsen - Enfermeira Graduada pela Universidade de São Paulo em 1962 (USP) Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina (1979) e Doutora em Enfermagem pela *University of California*, San Francisco em 1984. Ocupou cargos importantes como Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem Seção Santa Catarina (1972-1976), coordenações no Departamento Autônomo de Saúde Pública/SC, no Departamento de Enfermagem e da Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Participou da gestão do Coren/SC de 1978 a 1981 como tesoureira. Fundou o Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na Área da Saúde da Família- GAPEFAM. Nasceu em Rio do Sul, no Estado de Santa Catarina, em 1940. Filha de alemão católico e mãe protestante luterana, mudou-se com a família para Blumenau aos cinco

HIST. ENF. REV. ELETR (HERE). 2014 jan/jul; 5(1): 108-135. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num1artigo9.pdf>

anos de idade. Lembra que o avô materno lecionava matemática nas antigas escolas alemãs^a em Blumenau. Em determinado período ele realizou visitas nas escolas alemãs e resolveu ser professor de português. Refere Ingrid que o avô argumentou a razão de tal mudança.

Porque os filhos de alemães não eram alemães e sim brasileiros, e eles tinham que amar a sua pátria. Precisavam adotar esse país como o país deles, por que eles nasceram aqui. Eu achei isto tão bacana, tão interessante. Minhas ideias de cidadã devem ter vindo do meu avô (Ingrid Elsen).

Este preâmbulo referido por Ingrid é necessário para se entender as escolhas e os modos de alcançar seus sonhos, vontades e desejos. As construções e desconstruções de seus ideais. Considera ter mais da ética protestante que do catolicismo. Lembra que iam de carro de mola até a igreja católica e sua mãe ia sozinha à igreja luterana.

Fomos educados na educação católica, escola de freiras, e eu sempre gostei da religião, desde pequena eu já era da cruzada, acho que isso nem existe mais, a cruzada e depois fui filha de Maria, eu fazia todos os trabalhos na igreja, minha mãe fazia todos os trabalhos na igreja protestante e eu trabalhava na católica (Ingrid Elsen).

Mais tarde, em meio a risos conta Ingrid, que depois que já estava formada e bem na vida sua mãe lhe contou que falou ao seu pai – “Ingrid não dá para nada, ela vai ter que estudar!” E isto fez refletir sua vida e considerar verdadeiras as palavras de sua mãe”.

Minha mãe tinha razão, não dou pra nada mesmo, nada que é assim da vida prática não dá. Eu sempre gostei de ler, sabe, para mim eu tendo livros era ali, quando não tinha livro eu pegava os de português que meu pai tinha e olhava os livros em alemão que minha mãe tinha e ficava assim, só queria ler, mas mesmo assim tive uma infância normal (Ingrid Elsen).

E este gosto pela leitura aproximou Ingrid à Florence Nightingale e a idealização da profissão que escolheria.

Como é que escolhi? Eu escolhi Enfermagem porque eu li, eu li na Seleções a história da Florence... e eu lia seleções e dizia - meu Deus que mulher formidável, eu quero fazer Enfermagem, e eu li aquilo e tinha decidido que eu ia fazer Enfermagem (Ingrid Elsen).

Junto às Freiras Protestantes iniciou seu contato com o fazer da profissão, por uma

^a Escolas específicas para o ensino do alemão a filhos de alemães nascidos no Brasil. Os professores originavam-se da Alemanha, o idioma falado e ensinado na escola era exclusivamente o alemão.

imposição de sua mãe. As atividades foram as mais diversas, lavando lençóis com resíduos dos serviços de saúde, auxiliando na maternidade e, posteriormente, foi para o hospital geral. Na época, no entendimento de seu pai, filhos a partir dos quinze anos precisavam trabalhar.

Já estava trabalhando quando nenhuma guria saía pra trabalhar, mas nós, minha irmã mais velha e eu já estávamos trabalhando, então eu queria estudar e eu tinha que estudar de noite (Ingrid Elsen).

Resolvido, após ter vivenciado a prática da Enfermagem em hospitais protestantes e católicos, que Ingrid faria a faculdade. Escolheu uma Escola de Enfermagem católica, no entanto sua mãe considerava que ela já havia experienciado a prática da Enfermagem nos moldes religiosos e sugeriu para sua formação a Universidade de São Paulo (USP).

Às vezes perguntavam pra mim por que, já que eu tinha que fazer vestibular, era exigido, porque eu não fazia medicina, eu disse não, não quero fazer medicina, nem me passa pela cabeça. Não quero cortar ninguém, não quero nada disso, eu quero é cuidar! E aí quando eu fui pra São Paulo, no hospital de clínicas eu descobri o que era Enfermagem profissional, entende? Que na realidade eu não tinha vivido a escola da Enfermagem (Ingrid Elsen).

Em 1962 a USP recebeu as credenciais para o Curso de Enfermagem ser considerado de nível superior. Ingrid se formou na segunda turma de Enfermagem da USP e realizou o curso superior de Enfermagem.

Bom, quando eu me formei, vê como eu era idealista. Bom onde é que eu vou trabalhar? Mas tinha campo aberto no Brasil inteiro. Escrevi para o secretário de saúde, que eu era enfermeira, que eu tinha estudado em São Paulo e que eu tinha uma obrigação de retornar para o meu Estado, que eu queria trabalhar aqui (Santa Catarina) se ele tinha algum emprego pra mim (Ingrid Elsen).

Isto aconteceu em 1963, quando assumiu no Departamento Autônomo de Saúde Pública (DASP) e permaneceu por dois anos. Ingrid sentia-se bem neste trabalho, realizava muitas viagens pelo interior do Estado e o grupo de trabalho tinha um bom relacionamento. Histórias de vida, amores, acertos, enganos Ingrid retornou a São Paulo, onde lecionou na Universidade de São Paulo. Neste período foi mãe e teve como comadre a Dra. Wanda de Aguiar Horta. Muitas foram as dificuldades enfrentadas e precisou retornar a Blumenau. Os desejos de Ingrid se desencontravam no tocante a sua paixão pelo cuidado mais que pelo ensino.

Eu nunca quis ser professora. Fizemos um trato, as férias de escola eu

estaria no hospital eu seria cedida para o hospital assim eu aceitaria ir pra escola e porque eu faria mais a parte prática acompanhando os alunos então eu consegui unir um pouco aquela minha paixão pelo hospital. Não era pelo hospital, era por cuidar (Ingrid Elsen).

Esta trajetória leva Ingrid até a Associação Brasileira de Enfermagem, onde se integra as já conhecidas Eloíta Pereira Neves, Oillie Hammes (Ir. Cacilda, nome usado na Ordem religiosa), Lydia Ignes Rossi entre outras. Neste contexto, a ABEn precisou indicar ao Secretário do Estado da Saúde de Santa Catarina o nome de uma enfermeira para assumir o Departamento de Saúde Pública, e o nome indicado foi o de Ingrid Elsen e que se muda para Florianópolis.

Então eu fui ser assessora de saúde pública. Que cargo tão importante eu não tenho formação na saúde pública. Queriam muito aquela posição. Trabalharia só meio período dava pra cuidar da filha, mas entrei digamos assim no mundo da política, da política de saúde (Ingrid Elsen).

A biografia desta mulher expressa suas convicções e desejos em trabalhar com o cuidado. E nesta perspectiva e a partir das relações que se estabeleceram no decorrer de sua trajetória define questões políticas para a Enfermagem catarinense. À frente da ABEn-Seção SC, como Presidente, inicia a mobilização para a criação do Conselho Profissional.

Lúcia Herta Rockenbach – Formada em Enfermagem pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em 1970, foi agraciada com uma Bolsa de Estudos para a Inglaterra, trocando-a para fazer no Rio de Janeiro, pois a Enfermagem no país estrangeiro ainda era somente de nível médio. Realizou cinco especializações na área da Enfermagem, entre estas Enfermagem Cirúrgica e Enfermagem Comunitária na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi secretária do Coren/SC na gestão 1978 – 1981. Dirigiu o Hospital em Tubarão e Coordenou o Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Trabalha na Diocese de Tubarão com ações preventivas na Associação de Amigos de Orientação Alternativa (Orialan).

No interior do Rio Grande do Sul, na cidade de Santo Cristo nasce Lúcia Ertha Rockembach, numa família de 11 irmãos. Houve a migração da família para o extremo oeste de Santa Catarina quando tinha 12 anos, o pai foi encarregado de vender terras na região de São José do Cedro. Após um ano, aos 13 anos de idade deixa a família para trabalhar e estudar em Itapiranga, onde permaneceu dois anos e se mudou para Florianópolis.

Aos 15 anos tinha decidido ser Irmã da Divina Providência. Então em

Florianópolis, em 1956, eu fui fazendo a minha formação e tive que voltar atrás porque eu não tinha idade pra ir em frente fazer aqueles artigos que tinham na época pra gente avançar no ensino, então eu voltei atrás e comecei o ginásio, curso ginásial (Lúcia Herta Rockembach).

As mudanças de cidade e escolar não pararam por aí, após um ano em Florianópolis foi para Tubarão, em 1959 foi para Palmas no Paraná. Toda esta troca foi origem de vantagens e desvantagens para a sua vida e sua formação. Em Florianópolis terminou o Segundo grau, hoje Ensino Médio, para se preparar para a Universidade.

E o meu sonho sempre foi fazer Enfermagem, mas como a Enfermagem era muito exigente, nós tínhamos 15 dias de férias durante um ano, e o restante do tempo era plantão à noite, era estágio de dia, era aula durante o dia, então as responsáveis por nós diziam assim: - "você não vai aguentar" "é muito puxado isso aí". Eu dizia: - "mas eu quero tentar" (Lúcia Herta Rockembach).

O Curso escolhido foi o de Enfermagem por experiências não muito alegres, que envolvia a gestação gemelar de sua mãe, a qual perdera no sétimo mês, por fragilidade no atendimento à saúde na época. Mesmo contra a vontade de seus pais, Lúcia desafiou sua família e seguiu seu sonho.

Ser enfermeira pra mim já era uma ideia desde pequena, tinha passarinho com a perninha quebrada, eu fazia curativo no passarinho. E eu dizia assim: - "um dia eu vou cuidar de doente". Cuidar de doente, essa era minha ideia de Enfermagem, era assistência mesmo, em hospital eu queria trabalhar. Então eu acho que o que eu fui condicionada a fazer Enfermagem até através da mãe que sofreu isso tudo e queria ver o mundo diferente. Ela dizia pra mim: - "faz qualquer coisa, menos Enfermagem" (Lúcia Herta Rockembach).

Veio para Florianópolis lecionar no Colégio Coração de Jesus e neste intervalo o Curso Auxiliar de Enfermagem foi criado sob a direção da Irmã Cacilda, que convidou Lúcia para secretariar. Nesta época, Lúcia tinha aproximadamente 20 anos, além de realizar as atividades de secretária lecionava fisiologia, anatomia, ética e comportamento. O dia a dia no Curso de Auxiliar foi aproximando ainda mais Lúcia da profissão que almejava e em 1968 ingressa na Universidade e se forma em 1970.

Então, na verdade eu entrei na Enfermagem já com uma vocação definida, eu entrei já sabendo o que eu queria. E eu queria era isso mesmo. Aí eu fui me encantando com os professores de saúde comunitária, e a minha

paixão cresceu pra ver as pessoas não ficarem mais doentes, você não acredita que eu até hoje faço isso! Há mais de 25 anos que eu já estou na Pastoral da Saúde, sempre ajudando na saúde preventiva (Lúcia Herta Rockembach).

Trabalhou no Colégio Coração de Jesus, mas por volta de 1974 foi criado o Curso Técnico de Enfermagem. No início de 1975 Irmã Cacilda indicou o nome de Lúcia para Dirigir o Hospital em Tubarão onde permaneceu três anos, e seguidamente, assumiu a Coordenação da Universidade do Sul de Santa Catarina. Em 1985 a Diocese de Tubarão fez uma pesquisa e constatou que as comunidades estavam doentes, foi quando a Igreja se pronunciou a favor da Pastoral da Saúde. Neste mesmo ano a Enfermeira Lúcia deu início a Pastoral da Saúde em Tubarão, saindo da Universidade. Sua participação na dinâmica de criação e instalação do Conselho de Enfermagem aconteceu pelas relações estabelecidas em toda a sua trajetória profissional no Estado.

Tinham muito poucos enfermeiros no Estado, então cada uma de nós tínhamos que ajudar do jeito que pudesse. Como eu era secretária da ABEn antes, daí eu, nessa secretaria fiquei conhecida como alguém que fazia um trabalho razoável. Eu tinha secretariado o Curso de Auxiliar de Enfermagem, antes, e daí meu nome apareceu para ajudar a Lydia na condição do Conselho de Enfermagem (Lúcia Herta Rockembach).

Atualmente mantém-se na Diocese de Tubarão, na Associação de Amigos de Orientação Alternativa (Orialan), desenvolvendo o cuidado pela saúde preventiva, a partir de toda a experiência e conhecimento adquirido nesses anos de formação.

Nelcy Terezinha Coutinho Mendes - Enfermeira formada na última turma da Escola de Enfermagem de Caxias do Sul, hoje Universidade de Caxias do Sul, em 20 de dezembro de 1963. Trabalhou no Hospital Infantil Edith Gama Ramos ^b na cidade de Florianópolis-SC. Foi docente e Coordenou o Curso de Enfermagem da UFSC e ao se aposentar estava na vice coordenação do Curso. Presidiu a Associação Brasileira de Enfermagem em duas gestões 1970-1972 e 1976-1980, e participou do movimento para criação e instalação do Conselho Regional de Enfermagem de Santa Catarina.

Nasceu no pequeno município de São Jerônimo no Rio Grande do Sul. Filha de um casal que praticava o cuidado a partir da utilização de chás e medicamentos manipulados. Resolveu estudar e mudou-se para Caxias do Sul, onde morou com uma prima que estudava Enfermagem e ao

^b Atualmente Hospital Infantil Joana de Gusmão, assumiu esta nomenclatura quando da construção das novas instalações em 13 de março de 1979.

HIST. ENF. REV. ELETR (HERE). 2014 jan/jul; 5(1): 108-135. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num1artigo9.pdf>

auxiliá-la nos trabalhos da Escola, datilografando-os, e o convívio com o ambiente escolar da Enfermagem, definiu sua profissão.

A minha decisão foi tomada, não teve mais dúvida, eu já comecei a participar na escola que era perto, de grupos de teatro, junto com a turma dela e daí a entrar não teve dúvida, foi rápido e rasteiro. Terminado o curso em dezembro de 63, nós íamos trabalhar em Porto Alegre, as 3 leigas da minha turma, a Nilza, a Eleonor e eu, as demais eram 14 freiras (Nelcy Terezinha Coutinho Mendes).

Algumas intercorrências impediram que Nelcy e suas colegas assumissem no Hospital Ernesto Dornelles, assim que se formaram, haja vista as formas de contratação exigidas. Neste contexto, havia uma necessidade de Enfermeiras (os) em Florianópolis, na verdade no Estado catarinense. O Hospital Infantil estava em organização e por solicitação do então Secretário do Estado da Saúde de Santa Catarina enfermeiras (os) estavam sendo solicitadas.

Fomos procurar a Maria Inês Reginini, professora da Escola de Enfermagem da UFRGS, e irmã do Renato Ramos da Silva, Secretário de Estado em Santa Catarina, então ele pediu a ela indicação de enfermeiras. Lá nós assumimos com a cara e com a coragem e isso foi meados, finalzinho do mês de novembro (Nelcy Terezinha Coutinho Mendes).

Ao chegar em Florianópolis conheceu e encontrou algumas amigas e iniciaram juntas a estruturar o Hospital Infantil. Desde as questões de contratação de pessoal, regimentos internos, distribuição e organização de material faziam parte dos afazeres e responsabilidade do grupo.

Encontramo-nos em Florianópolis, no dia 7 de janeiro de 1964 e aqui já estavam a Eloíta e a Ermida, que chegaram dia 4, e a Nilza, a Eleonor e eu chegamos no dia 7. Então encontramos um hospital por organizar. Todo o material estava dentro de um quarto, já comprado, a Cacilda tinha participado desse processo inicial. E a Cacilda nesse primeiro momento não estava na cidade ela estava em um daqueles retiros religiosos (Nelcy Terezinha Coutinho Mendes).

Começaram a trabalhar a partir do apoio do médico Nelson Grisard que dirigia o Hospital Infantil, esclareceu que o foco principal na filosofia da instituição era o ensino de alunos da medicina em atividade prática e estágios. A partir daí deram início às atividades que constavam desde a organização de recursos humanos até materiais. Escreveram regimento interno, normas para contratação de pessoal entre outros serviços referentes à instrumentalização das unidades para o trabalho em si. Ordenaram esquema de trabalho em que fariam rodízio nas unidades.

Definimos por exemplo que tudo seria transitório, que era rodízio geral todo o ano, então todas passamos pela chefia, todas passamos pela emergência, pelas unidades particulares e tudo isso. Foi uma experiência assim que não tem igual, de lá de dentro começaram as ideias para o curso de graduação que a Eloita levou para a ABEn a ABEn encampou, e através da ABEn o Hospital Infantil, Nelson Grisard e Gabriel Faraco eles fizeram ponte para a reitoria (Nelcy Terezinha Coutinho Mendes).

Assim, Nelcy considerou a necessidade de realizar uma pós graduação, o que a fez ir para São Paulo. Ingressou, como docente, na Universidade Federal de Santa Catarina em 1970. A ABEn-Seção SC fez parte da sua vida profissional desde que chegou a Florianópolis participando nas diretorias, e se envolveu com todas as questões de edificação da Enfermagem no Estado. No tocante ao Conselho Profissional teve sua participação no movimento de instalação, auxiliando nos cadastramentos para registro do Coren/SC até a própria instalação.

Vidas compartilhadas

A história oral do Conselho Regional de Enfermagem de Santa Catarina enuncia uma história de vidas individuais. E isto sobrepõe o coletivo, quando a partir das histórias individuais há o compartilhamento de experiências, que traduzem significativamente um contexto social, político e ético de um dado grupo profissional. No que é tão curioso ou instigante ouvir pessoas a narrar seus momentos de história? Isto se enquadra em que os valores empíricos e políticos da rememoração e oralidade segundo Thomson¹⁵ são complementares. Isto pois, a articulação das brevidades de vida, neste Estudo, sugerem modos de viver e desenhar o futuro. A partir de experiências muito semelhantes, por meio da escolha profissional, significam o devir da Enfermagem em Santa Catarina.

Cada etapa da vida dos declarantes mostra a intensidade e a complementariedade entre suas histórias. Desde a formação cidadã no seio familiar até a aproximação com a Enfermagem, há evidências de um contexto sócio-político bem específico. Trazem à tona as circunstâncias difíceis de estabelecimento e de formação profissional num país incipiente em Escolas de nível superior, de políticas públicas e de saúde sendo pensadas, onde a Enfermagem aparecia como oportunidade profissional pelo incentivo e possibilidade de acesso rápido a uma profissão. Assim, as narrativas da vida dessas pessoas permitem a compreensão de que as forças sociais influenciam e modulam a ação dos indivíduos, e esses modificam e reconduzem o contexto social.

Nas circunstâncias de profissionalização observa-se por meio das narrativas, que a feminização na Enfermagem é característica preponderante na profissão. Isto, pois, evidencia as questões de gênero, bem como o foco profissional no cuidado. Período que define avanços e retrocessos na história da mulher na sociedade, ora pelo ideário vocacional da mulher para a Enfermagem e subjugação pelo médico; ora reconfigura a posição da mulher e da Enfermagem no Brasil por conquistas no âmbito da educação e do próprio trabalho¹⁶.

Outrossim, a presença de homens na Enfermagem vem crescendo lentamente o que é identificado neste Estudo pela presença de apenas um homem, como gestor, nas primeiras décadas do Conselho Regional de Enfermagem de Santa Catarina. O mercado de trabalho, nesta instância, acredita Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem do sexo masculino para atividades em que, segundo Lopes¹⁷ necessita de força física. Essa autora refere acerca dos órgãos de representação profissional da Enfermagem, os quais sustentaram-se administrativamente por mulheres, em grande parte da trajetória dessas entidades. Até mesmo, o Conselho Federal e seus Regionais foram idealizados, criados e instalados por enfermeiras que lutaram para a garantia do reconhecimento da profissão de Enfermagem. Há, no entanto, mostras, na história dessa representação, da afluência do poder masculino neste processo de institucionalização e profissionalização da Enfermagem. Fato este visualizado nos movimentos político-representativos da profissão que começam a aparecer ao final dos primeiros dez anos de criação do Sistema Cofen e Conselhos Regionais.

A história é um processo de composição contínua e o compartilhamento das vidas assumidas, nas narrativas biografadas, aparece desde a opção pela profissionalização na Enfermagem até a migração de cinco dos sujeitos, para Santa Catarina. A Secretaria do Estado da Saúde de Santa Catarina solicitava enfermeiras (os) para compor o quantitativo de profissionais desta área nas instituições de saúde. E neste escopo, as redes de sociabilidade conforme Thomson (2002) são aspectos cruciais no processo de migração. Apesar das razões econômicas e de oportunidades de trabalho influenciarem a opção do assentamento no Estado outros fatores iriam contribuir para o processo de composição da rede sócio-profissional da Enfermagem. Outros personagens ingressaram neste contexto e conseqüentemente, com o conhecimento da realidade posta quanto à profissão no Estado, houve a necessidade de unirem-se para a valorização, reconhecimento e institucionalização da Enfermagem em Santa Catarina. Formaram um círculo social e profissional de apoio. Isto sim, entrelaçaram as histórias de vida, as ações políticas e

profissionais. Em torno da Associação Brasileira de Enfermagem imprimiram os rumos da profissão, culminando para a criação, instalação e desenvolvimento do Conselho Regional de Enfermagem de Santa Catarina.

A identificação das fontes orais numa pesquisa histórica se diferencia do processo de pesquisa com seres humanos em outros tipos de estudo. Normalmente há a utilização de codinomes para resguardar a identidade dos participantes. Na história oral as fontes, por meio da autorização são identificadas e este é um diferencial na pesquisa histórica. É pois, a relação que se estabelece entre o narrador, o pesquisador e o menor que traz à tona a veracidade da história, seu valor e sua influência. A identificação dos sujeitos, neste estudo, evidencia que essas narrativas tornam viva a dinâmica, o movimento de desenvolvimento da representação político-profissional da Enfermagem.

Considerações finais

O esforço reflexivo e, conseqüentemente, crítico que o conhecimento da história oportuniza, haja vista as congruências e incongruências postas à tona é sempre relevante. A história não é certa ou errada, é o experienciado. E compreender e historicizar uma parte da trajetória da edificação da Enfermagem em Santa Catarina perpassa pelo conhecimento do contexto histórico, social, político e ético da sociedade em que os protagonistas deste estudo vêm vivendo.

A importância que têm as pessoas e, as escolhas individuais alternam-se em compromisso e responsabilidade nas escolhas de outras pessoas. Nesta história, partilharam trajetórias e compartilharam ideais, e a identificação desses protagonistas é importante para que valorizemos nossos próprios papéis históricos. E nesta perspectiva isto é ético e imprime a cada um a consciência de envolvimento e participação nos direcionamentos da história da Enfermagem sempre em mutação.

A biografia aparece como momento de valorização e agradecimento a essas pessoas pela coragem, compromisso, força de vontade e ímpeto, mas especialmente pela utilidade social, política, educativa, administrativa e profissional que grafaram na história da Enfermagem em Santa Catarina.

Referências

1. Rosenbluth V. Keeping Family Memories Alive- discovering & recording the stories & reflections of a lifetime. Vancouver: Hartley & Marks Publishers; 1997.
 2. Sanna MC. Biografia. In: Oguisso T, Campos PFS, Freitas GF, organizadoras. Pesquisa em história da Enfermagem. 2 ed. Barueri: Manole; 2011. p. 301-338.
 3. Meihy JCSB. Manual de história oral. 4 ed. São Paulo: Loyola; 2002. 246p.
 4. Neves EP. A Associação Brasileira de Enfermagem-Seção Santa Catarina e a repercussão na criação do Curso de Graduação em Enfermagem na UFSC. In: Zago AT et al. Série Memória ABEn-SC: contribuições da ABEn-SC para a enfermagem catarinense. v.1. Florianópolis: Associação Brasileira de Enfermagem-Seção Santa Catarina, 2010. p. 21-46.
 5. Khoury YA. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: Maciel L, et al., organizadores. Outras histórias: memórias e linguagens. São Paulo: Olho D'Água; 2006. p. 22-43.
 6. Cardoso HHP. Nos caminhos da história social: os desafios das fontes orais no trabalho do historiador. História e Perspectivas 2010; 42:31-47.
 7. Santhiago R. Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade. SAECULUM Revista de História 2008; 18:33-46.
 8. Padilha MI, Nelson S, Borenstein MS. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. Hist. cienc. saude-Manguinhos 2011; 18(supl.1):241-52.
 9. Matos JS, Senna AK. História Oral como fonte: problemas e métodos. Historiae 2011; 2(1): 95-108.
 10. Hossne WS. Bioética - princípios ou referenciais? O Mundo da Saúde 2006; 30(4): 673-73.
 11. Fundação Getúlio Vargas. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Gravando falas, tecendo fontes: problematizando o uso de entrevistas realizadas por terceiros. [citado: em 29 jan 2013]. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral/programa>.
 12. Junges JR. Ética e Consentimento Informado. Cadernos de Ética em Pesquisa 2000; 4: 22-5.
 13. Le Goff J. São Francisco de Assis. 6. ed. Rio de Janeiro: Record; 2001.
 14. Carino J. A biografia como fonte para a história da educação. Educação e filosofia 2000; 14(27-28):159-73.
 15. Tompson P. A voz do passado: história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1998.
- HIST. ENF. REV. ELETR (HERE).** 2014 jan/jul; 5(1): 108-135. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num1artigo9.pdf>

16. Fonseca RMGS, Guedes RN, Andrade CJM. Gênero e história da enfermagem. In: Oguisso T, Campos P FS, Freitas GF, organizadoras. Pesquisa e história da enfermagem. 2 ed. Barueri: Manole; 2011. p.132-177.
17. Lopes MJM, Leal SMC. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. Cadernos Pagu 2005; 24:105-125.
18. Thomson A. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. Rev. Bras. Hist. 2002; 22(44): 341-64. [citado em: 31 jan 2013]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14003.pdf>.

Data de submissão: 16/12/2013

Data de aprovação: 19/06/2014